A continuidade científica do Espiritismo

Nem só de comunicações espíritas não checadas se forma esse triste cenário. Outros tantos erigem verdadeiros sistemas de ideias sobre metáforas utilizadas por Kardec em seus estudos, não conseguindo compreender que os cientistas, sobretudo naquela época, vislumbrando novos aspectos científicos que não tinham como explicar, criavam metáforas para tentar dar luz à ideia que buscavam expressar, confiando à continuidade da ciência melhores explicações.

Explorando a Teoria do Duplo Material no Mundo dos Espíritos com Allan Kardec

As manifestações espiritas sempre foram um ponto nevrálgico na Doutrina Espirita. Foi através dessas manifestações e sua melhor compreensão que Kardec conseguiu estabelecer a sua filosofia moral. Assim, destacamos esse estudo de 1859 exposto na Revista Espirita de agosto de 1859.

Segue.

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que uma correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas nos enviou do departamento do Jura:

> *"…Como vos disse, senhor, os Espíritos gostavam da nossa velha habitação. Em outubro último (1858), a senhora Condessa de C…, amiga íntima de minha filha, veio com seu filhinho de 8 anos passar uns dias em nossa mansão. A criança dormia no mesmo quarto que sua mãe, e a porta de comunicação para o quarto de minha filha ficava aberta, a fim de prolongar as horas do dia e da conversa. O menino não dormia e dizia à mãe: 'Que é que a senhora vai fazer com esse*

homem que está sentado junto à sua cama? Ele está fumando um grande cachimbo. Veja como enche o quarto de fumaça! Mande-o embora, pois está sacudindo as cortinas.'
"Essa visão durou a noite toda. A mãe não conseguiu que a criança se calasse, e ninguém conseguiu fechar os olhos. Esta circunstância não espantou nem a mim, nem à minha filha, pois sabemos que há manifestações espíritas. A mãe, entretanto, acreditava que a criança estivesse sonhando acordada ou se divertindo.

RE 1859

Observação: A visão era mediúnica por isso só a criança via.

"Eis outro fato que testemunhei pessoalmente e que me aconteceu no mesmo aposento, em maio de 1858. É o caso da aparição do Espírito de uma pessoa viva, que ficou muito admirado por ter vindo visitar-me. Eis as circunstâncias: Eu estava muito doente e há tempos não dormia, quando vi, às dez horas da noite, um amigo de minha família sentado junto à minha cama. Manifestei-lhe minha surpresa por sua visita àquela hora. Ele me disse: "Não faleis, pois venho velar-vos; não faleis, pois é preciso que durmais", e estendeu a mão sobre minha cabeça. Várias vezes abri os olhos para ver se ainda lá estava, e a cada vez ele me fazia sinal para fechá-los e calar-me. Rodava a tabaqueira entre os dedos, e de vez em quando tomava uma pitada, como era seu costume. Por fim adormeci, e quando despertei a visão tinha desaparecido.

Idem

OBSERVAÇÃO: *Kardec faz uma breve citação das explicações sobre os fatos de aparições de encarnados e de Espíritos (condensação do perispírito ou modificação molecular).*

Ele segue:

Opera-se na sua contextura uma modificação molecular, que o torna visível e mesmo tangível, e que lhe pode dar, até certo ponto, as propriedades dos corpos sólidos. Sabemos que corpos perfeitamente transparentes se tornam opacos pela simples mudança na posição das moléculas ou pela adição de outro corpo, igualmente transparente. Não sabemos bem como fazem os Espíritos

para tornar visível o seu corpo etéreo. A maior parte deles não chega mesmo a se dar conta disso, mas, pelos exemplos que temos citado, compreendemos a sua possibilidade física, o que é bastante para tirar do fenômeno aquilo que, à primeira vista, poderia parecer sobrenatural. Pode, pois, o Espírito fazê-lo, quer por simples modificação íntima, quer assimilando uma porção de fluido estranho que altera momentaneamente o aspecto de seu perispírito. É, na verdade, esta última hipótese que ressalta das explicações que nos têm sido dadas, e que relatamos ao tratar do assunto (maio, junho e dezembro).

Até aqui nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito. Sabemos, porém, que se apresentam com roupagens cujo aspecto mudam à vontade; por vezes mesmo têm certos acessórios de toalete, joias, etc. Nas duas aparições citadas no começo, uma tinha um cachimbo e produzia fumaça; a outra, uma tabaqueira e tomava pitadas. Note-se, entretanto, o fato de que este Espírito era de uma pessoa viva e que sua tabaqueira era em tudo semelhante à de que se servia habitualmente, e que tinha ficado em casa. Que significam, então, essa tabaqueira, esse cachimbo, essas roupas e essas joias? Os objetos materiais que existem na Terra teriam uma representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma tais objetos teria uma parte quintessenciada, que escapa aos nossos sentidos?

OBSERVAÇÃO: Posição do verdadeiro cientista, em busca da verdade, sem nada descartar.

Eis um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma porção de coisas até aqui não explicadas. Foi essa tabaqueira que nos pôs no caminho, não apenas do fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o fenômeno da pneumatografia ou escrita direta, de que falaremos a seguir.

Todas as teorias que apresentamos, relativas ao Espiritismo, nos foram fornecidas pelos Espíritos, que muitas vezes contraditaram as nossas próprias ideias, como aconteceu no caso presente, provando que as respostas não eram reflexo do nosso pensamento. Mas a maneira de se obter uma solução não é coisa sem importância.

Sabemos por experiência própria que não basta pedir bruscamente uma coisa para a obtermos. Nem sempre as respostas são bastante explícitas; é necessário desenvolver o assunto com certas precauções; chegar ao objetivo

progressivamente e por um encadeamento de deduções que requerem um trabalho prévio. Em princípio, a maneira de formular as questões, a ordem, o método e a clareza são coisas que não podem ser negligenciadas e que agradam aos Espíritos sérios, porque veem nisso um objetivo sério.

OBSERVAÇÃO: Isto significa que, é claro, o pesquisador pode ter uma ideia prévia, mas que, agindo de boa-fé, não pode se apegar a ela. E também, claro, que a intenção da pergunta é tão importante quanto.

Eis a conversa que tivemos com o Espírito de São Luís, a propósito da tabaqueira, visando a solução do problema da produção de certos objetos no mundo invisível. (Sociedade, 24 de junho de 1859).



1. – No relato da senhora R..., trata-se de uma criança que viu perto do leito da mãe um homem fumando um grande cachimbo. Compreende-se que esse Espírito tenha podido tomar a aparência de um fumante; parece, entretanto, que fumava realmente, pois o menino via o quarto cheio de fumaça. O que era essa fumaça?

– Uma aparência produzida para o menino.

2. – A senhora R... também cita o caso de uma aparição, vista por ela, do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e tomava rapé. Poderia

ele experimentar a sensação que a gente tem ao tomar uma pitada?

– Não.

3. – Essa tabaqueira tinha a forma daquela que ele usa habitualmente, e que estava em sua casa. O que era essa tabaqueira entre as mãos do Espírito?

– Sempre aparência. Era para que as circunstâncias fossem notadas, como o foram, e para que a aparição não fosse tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que essa senhora acreditasse na realidade de sua presença e tomou todas as aparências da realidade.

4.1 – Dizeis que é uma aparência, mas uma aparência nada tem de real; é como uma ilusão de óptica. Eu gostaria de saber se essa tabaqueira não era senão uma imagem irreal, como, por exemplo, a de um objeto que se reflete num espelho.

NOTA de A.K.:Um dos membros da Sociedade, o Sr. Sanson, faz observar que na imagem reproduzida pelo espelho há qualquer coisa de real. Se a imagem não fica no espelho, é que nada a fixa, mas se for projetada sobre uma chapa do daguerreótipo, deixa uma impressão, prova evidente de que é produzida por uma substância qualquer e que não é apenas uma ilusão de óptica.

4.2 – A observação do Sr. Sanson é perfeitamente justa. Teríeis a bondade de nos dizer se existe alguma analogia com a tabaqueira, isto é, se existe algo de material nessa tabaqueira?

– Certamente. É com o auxílio desse princípio material que o perispírito toma a aparência de vestimenta semelhante às que o Espírito usava quando vivo.

NOTA de A.K.: Evidentemente o vocábulo *aparência* deve aqui ser tomado no sentido de imagem, de imitação. A tabaqueira real lá não estava. A que o Espírito tinha era apenas uma reprodução. Comparada à original, era apenas uma aparência, conquanto formada por um princípio material.
A experiência nos ensina que não devemos tomar ao pé da letra certas expressões usadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo as nossas ideias, expomo-nos a grandes equívocos, por isso devemos aprofundar o sentido de suas palavras, sempre que existe uma ambiguidade mínima. Eis uma recomendação feita constantemente pelos Espíritos. Sem a explicação que provocamos, o vocábulo *aparência*, repetido continuamente em casos análogos, poderia dar lugar a uma

falsa interpretação.

OBSERVAÇÃO: Sabemos, hoje, o princípio da imagem refletida em um espelho e sua fixação em uma fotografia: o comportamento de ondas. A luz, como energia eletromagnética, reflete no espelho e impressiona o dispositivo de fotografia, seja ele qual for. Parece que é a esse mesmo princípio (de onda) que o Espírito se refere.

5. – Haveria um desdobramento da matéria inerte? Haveria, no mundo invisível, uma matéria essencial, revestindo a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, esses objetos teriam o seu duplo etéreo no mundo invisível, como os homens aí são representados em Espírito?

NOTA de A.K.: Eis uma teoria como qualquer outra, e que era pensamento nosso. O Espírito, no entanto, não a levou em consideração, o que absolutamente não nos humilhou, porque sua explicação nos pareceu muito lógica e porque ela repousa sobre um princípio mais geral, do qual encontramos muitas explicações.
– Isto não se passa dessa maneira. O Espírito tem sobre os elementos materiais disseminados em todo o espaço, na nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à vontade, concentrar esses elementos e lhes dar uma forma aparente, adequada a seus projetos.

6. – Faço novamente a pergunta de maneira categórica, a fim de evitar qualquer equívoco. As roupas com que se cobrem os Espíritos são alguma coisa?

– Parece que a minha resposta anterior resolve a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. – Resulta desta explicação que os Espíritos fazem a matéria eterizada sofrer transformações à sua vontade e que, assim, no caso da tabaqueira, o Espírito não a encontrou perfeitamente acabada; ele mesmo a fez no momento em que dela necessitava, e depois a desfez. O mesmo deve acontecer com todos os outros objetos, tais como vestimentas, joias, etc.

– Mas é evidente.

8. – Essa tabaqueira foi tão perfeitamente visível para a senhora R… a ponto de iludi-la. Poderia o Espírito tê-la tornado tangível?

– Poderia.

9. – Nesse caso, a senhora R... poderia tê-la tomado nas mãos, julgando pegar uma autêntica tabaqueira?

– Sim.

10. – Se a tivesse aberto teria provavelmente encontrado rapé. Se o tivesse tomado, ele a teria feito espirrar?

– Sim.

11. – Pode então o Espírito dar não somente a forma, mas até propriedades especiais?

– Se o quiser; é em virtude deste princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. Tereis provas da poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria e que, como já vos disse, estais longe de suspeitar.

OBSERVAÇÃO: Kardec nunca foi tão claro em suas indagações no transcorrer desse 1 ano e meio de Revista Espirita. Evidentemente ele está elaborando tanto a nova edição aumentada de O livro dos Espiritos e depois o que seria O Livro dos Mediuns, publicado alguns anos depois.

12. – Suponhamos então que ele tivesse querido fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tivesse tomado. Esta teria sido envenenada?

– Poderia, mas não teria feito, porque não teria tido permissão para fazê-lo.

OBSERVAÇÃO: Sabemos, hoje, que a Criação está longe de ser um “cada um por si”, e que, na verdade, é um “um por todos e todos por um”, sendo que aqueles mais inferiores são sempre “conduzidos” pelos mais elevados. Os pensamentos do espíritos mais elevados serem irresistíveis aos menos elevados. Tendemos a nos julgar abandonados à própria sorte, mas, cada vez mais, entendo que isso não é verdade. Os Espíritos superiores nos “conduzem” para o bem, isto é, oferecem uma atração irresistível, através do pensamento. É possível compreender o motivo de os Espíritos imperfeitos, inclinados ao mal, não conseguirem romperem essa Lei para fazer o mal.

“Tudo se encadeia no Universo”

13. – Teria podido fazer uma substância salutar e própria para curar, em caso de moléstias? Já houve esse caso?

– Sim; muitas vezes.

14. – Assim também poderia ele fazer uma substância alimentar; suponhamos que tivesse feito um fruto ou um petisco qualquer. Poderia alguém comê-lo e sentir-se alimentado?
– Sim, sim. Mas não procureis tanto para encontrar aquilo que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço em cujo meio viveis. Não sabeis que o ar contém vapor d’água? Condensai-o e o levareis ao estado normal. Privai-o do calor e eis que suas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão corpo sólido e muito sólido. Outras matérias existem que levarão os químicos a vos apresentar maravilhas ainda mais assombrosas. Só o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os vossos: a sua própria vontade e a permissão de Deus.

OBSERVAÇÃO de A.K.: A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que tem apenas existência e propriedades temporárias e, de certo modo, convencionais, pode produzir a saciedade? Por seu contato com o estômago, essa substância produz a sensação de saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se tal substância pode agir sobre a economia orgânica e modificar um estado mórbido, também pode agir sobre o estômago e produzir a sensação da saciedade. Contudo, pedimos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não tenham ciúmes, nem pensem que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros e excepcionais e jamais dependem da vontade. Do contrário, a alimentação e a cura seriam muito baratas.

15. – Do mesmo modo poderia o Espírito fabricar moedas?

– Pela mesma razão.

16. – Desde que tornados tangíveis pela vontade do Espírito, poderiam esses objetos ter um caráter de permanência e de estabilidade?

– Poderiam, mas isto não se faz. Está fora das leis.

17. – Todos os Espíritos têm esse mesmo grau de poder?

– Não, não.

18. – Quais os que têm mais particularmente esse poder?– Aqueles a quem Deus o concede, quando isto é útil.

19. – A elevação de um Espírito influi nesse caso?

– É certo que quanto mais elevado o Espírito, mais facilmente obtém esse poder. Isto, porém, depende das circunstâncias. Espíritos inferiores também podem obtê-lo.

OBSERVAÇÃO: E, nesse caso, são supridos pela assistência de Espíritos superiores, muitas vezes sem nem saberem disso. Ver O Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores > Segunda parte — Das manifestações espíritas > Capítulo V — Das manifestações físicas espontâneas > Arremesso de objetos.

20. – A produção dos objetos semimateriais resulta sempre de um ato da vontade do Espírito, ou por vezes ele exerce esse poder malgrado seu?

– Isso frequentemente acontece malgrado seu.

21. – Seria então esse poder um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espírito? Seria, de algum modo, uma das propriedades, como a de ver e ouvir?– Certamente. Mas por vezes ele mesmo o ignora. Então outro o exerce por ele, malgrado seu, quando as circunstâncias o exigem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito de que acabo de falar e ao qual ele fazia alusão na sua linguagem chistosa

OBSERVAÇÃO: Encontramos um exemplo dessa faculdade em certos animais, como, por exemplo, no peixe-elétrico, que irradia eletricidade sem saber o que faz, nem como, e que nem ao menos conhece o mecanismo que a produz. Nós mesmos por vezes não produzimos certos efeitos por atos espontâneos dos quais não nos damos conta? Assim, pois, parece-nos muito natural que o Espírito opere nessa circunstância por uma espécie de instinto. Ele opera por sua vontade, sem saber como, assim como nós andamos sem calcular as forças que colocamos em jogo.

22. – Compreendemos que nos dois casos citados pela Senhora R.., um dos Espíritos quisesse ter um cachimbo e o outro uma tabaqueira para impressionar a visão de uma pessoa viva. Pergunto, porém, se caso não tivesse chegado a fazê-la ver, poderia o Espírito pensar que tinha esses objetos, criando para si mesmo uma ilusão?

– Não, se ele tiver uma certa superioridade, porque terá perfeita consciência de sua condição. Já o mesmo não se dá com os Espíritos inferiores.

OBSERVAÇÃO de A. K. : Esse era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação consta do nosso número de março de 1858, que ainda se julgava coberta de diamantes. (Clique aqui para o artigo sobre Rainha de Oude)

23. – Dois Espíritos podem reconhecer-se mutuamente pela aparência material que tinham em vida?

– Não é por esse meio que eles se reconhecem, pois não tomarão essa aparência um para o outro. Se, porém, em certas circunstâncias, se acham em presença um do outro, revestidos dessa aparência, por que não se haveriam de reconhecer?

OBSERVAÇÃO: sto aqui é importante! Nos romances mediúnicos, o mundo fantástico criado é todo material ou materialista, e a forma, nesses contos, é fundamental. Aqui, temos novamente a confirmação já feita antes que a forma não é importante para os Espíritos em geral, embora seja predominante para os Espíritos ainda muito presos à matéria (ou seja, de pensamento muito apegado). Decorre daí que faria sentido um Espírito em perturbação "se ver" numa condição como aquela do umbral de André Luiz, mas o mesmo não poderia se dar quando já desapegado dessas ideias, o que não parece ser algo tão distante, conforme o relato de vários Espíritos, dados a Kardec.

24. – Como podem os Espíritos reconhecer-se no meio da multidão de outros Espíritos, e sobretudo como podem fazê-lo quando um deles vai procurar em lugar distante e muitas vezes em outros mundos, aqueles que chamamos?

– Isto é uma pergunta cuja resposta levaria muito longe. É necessário esperar.Não estais suficientemente adiantados. No momento contentai-vos com a certeza de que assim é, pois disso tendes provas suficientes.

PARA PENSAR: Entendo que ele quis dizer, ao final: "como um Espírito

pode reconhecer o outro que assume outra aparência, ao visitar outros mundos?". SE bem que nós sempre esquecemos que nosso mundo, onde vivemos agora, é material e precisa de olhos e luz para ver. na espiritualidade não tem necessidade de aparencia muito menos os espíritos tem olhos para ver. Será que é isso?

25. − Se o Espírito pode tirar do elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar a elas uma realidade temporária, com suas propriedades, também pode tirar dali o necessário para escrever. Consequentemente, isto nos dá a chave do fenômeno da ((escrita direta ***Esclarecimento:** ***A escrita direta acontece quando um Espírito, pela vontade e com a utilidade em fazê-lo, faz aparecer, sobre um papel, uma escrita real, ora em grafite, ora em tinta, ora em formato de impressão. Recomendamos a leitura do artigo seguinte, "Pneumatografia ou escrita direta", assim como do artigo de mesmo título, em maio de 1860, e também do Capítulo XII de O Livro dos Médiuns — "Da pneumatografia ou escrita direta". Pneuma: entre os antigos pensadores gregos, sobretudo os estoicos, designativo do espírito, sopro animador ou força criadora, usada pela razão divina para vivificar e dirigir todas as coisas.***)) .

− Finalmente o compreendeis.

26. − Se a matéria de que se serve o Espírito não é permanente, como não desaparecem os traços da escrita direta?

− Não julgueis pelas palavras. Desde o início eu nunca disse *jamais*. Nos casos estudados, tratava-se de objetos materiais volumosos; aqui se trata de sinais que convém conservar e são conservados.

PARA PENSAR: Isto aqui envolve uma questão profunda. Kardec havia entendido que a matéria fluídica de que servem os Espíritos é sempre impermanente, posto que, nos casos citados, ela sempre se desfaz. Contudo, os casos de escrita direta não se desfazem. Como poderia ser isso?

Esclarecimento:** ***A escrita direta acontece quando um Espírito, pela vontade e com a utilidade em fazê-lo, faz aparecer, sobre um papel, uma escrita real, ora em grafite, ora em tinta, ora em formato de impressão. Recomendamos a leitura do artigo seguinte, "Pneumatografia ou escrita direta", assim como do artigo de mesmo título, em maio de 1860, e

também do Capítulo XII de O Livro dos Médiuns — "Da pneumatografia ou escrita direta". Pneuma: entre os antigos pensadores gregos, sobretudo os estoicos, designativo do espírito, sopro animador ou força criadora, usada pela razão divina para vivificar e dirigir todas as coisas.

A teoria acima pode resumir-se assim: O Espírito age sobre a matéria; tira da matéria primitiva universal os elementos necessários para, à vontade, formar objetos com a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Também pode operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá determinadas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce, quando necessário, como um ato instintivo, que não chega a perceber.

Os objetos formados pelos Espíritos têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade. Ele pode fazê-los e desfazê-los à vontade. Em certos casos, aos olhos das pessoas vivas, esses objetos podem ter todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se momentaneamente visíveis e até tangíveis. Há formação, mas não criação, visto que o Espírito nada pode tirar do nada. (LM 130 e 131)

Um Oficial Superior morto em Magenta

Evocação de Oficial Militar citando Gyulai

Materialidade de além-túmulo: o Zuavo de Magenta

Conversa Alem tumulo com Zuavo de Magenta

Um diálogo interessante

– Ah, você é Espírita? Que legal. Frequenta algum centro?

– Sim, frequento um perto da minha casa.

– E o que vocês fazem lá?

– Ah, a gente assiste palestra sobre o Evangelho, depois toma passe… Aí a gente faz algumas preces, e vai embora. Tem também a evangelização infantil.

– Aaah… Então é tipo uma igreja católica.

– Não! Porque o Espiritismo não tem ritual.

– Ué?! Mas é igualzinho. Na igreja, você chega, houve o sermão sobre o Evangelho, depois recebe a hóstia, depois reza, e vai embora. As crianças participam da catequese.

– Não, mas…

– Admita, é igualzinho. Até a evangelização, que eu sei que tem um aspecto positivo, é feito dessa forma meio impositiva, não? Mas o que me estranha é que eu já estudei um pouco do Espiritismo, só que nunca frequentei um centro… E, pelo que estudei, não tinha nada disso no Espiritismo. Por exemplo: vocês fazem evocação de Espíritos para ajudá-los?

– Não, não pode evocar Espíritos, porque você pode terminar obsedado.

– Nossa! Quem te disse isso?

– Ué?! Todo mundo do centro! A própria FEB diz isso!

– Ah, a FEB… Mas… Se o próprio Kardec evocava Espíritos para aprender com eles, Espíritos até de suicidas, e muitas vezes terminava ajudando-os a refletir?!

– Ah, mas isso era em um grupo controlado, e esses Espíritos já estavam mais tranquilos. E era Kardec.

– Não foi o que eu li. E não era só Kardec que evocava. Você sabia que, naquela época, as pessoas praticavam estudos, com evocações até de Espíritos perturbados, em seus lares, em pequenos grupos?

– Nossa, e eles não ficavam obsedados, se sentindo mal, por esses Espíritos inferiores?

– Olha, inferior todos somos, em relação aos Espíritos mais adiantados. E não, não ficavam obsedados nem passavam mal. Na verdade, muitas vezes ajudavam esses Espíritos, enquanto aprendiam com eles.

Tem uma evocação, por exemplo, desse suicida, que foi apenas alguns dias após sua morte, e ele demonstrou estar em plena perturbação. Kardec fez algumas perguntas, tentando entender o que se passava com esse Espírito e, com essas perguntas, ele entendeu alguma coisa. Depois pediu preces e se despediu, porque não queria falar mais. Concordo que é necessário seriedade e controle, mas nunca Kardec mencionou nenhum dos médiuns ficando obsediado enquanto tentavam aprender, com a análise da situação de Espíritos como esse, e até de assassinos!

– Assassinos?!

– Sim! Tem uma evocação do Assassino Lemaire, procure lá na Revista Espírita de 1858, é muito interessante.

– E você disse que evocavam DIAS após a morte?

– Sim. Algumas vezes, horas depois!

– Horas?! Mas eu sempre ouvi que, além de não poder evocar, tem que esperar com paciência para esse Espírito ganhar a luz e vir se comunicar por vontade própria.

– Isso não é verdade. Tudo depende da finalidade. Como a intenção era analisar esses Espíritos de forma psicológica, não havia problema. Além disso, é claro que eles respeitavam a vontade dos Espíritos. Muitas vezes eles não queriam falar dos seus sofrimentos. Tem outro problema aí: Kardec sempre demonstrou que ficar à disposição de qualquer Espírito traz o perigo de comunicações sem finalidade, muitas vezes enganosas.

Mas então vocês não fazem evocações no centro?

– Não. Até tem uma reunião de médiuns, mas é fechada para o público.

– Ah, natural. Mas lá eles evocam, então, para aprender e ajudar?

– Não, não. Eles ficam à disposição de qualquer Espírito que queira se comunicar. Esses dias mesmo, receberam a comunicação do Apóstolo João!

– Como eles sabem que era João, e não outro? Eles depois questionaram o Espírito guia do grupo?

– Espírito guia? Não, o Espírito DISSE que era João, o apóstolo, e falou em Jesus e sobre a necessidade de fazermos muita prece, porque a data limite está chegando.

– Ah… Mas… E se esse Espírito estivesse usando o nome do apóstolo e palavras bonitas para passar ensinamentos errados?

– Ah, mas…

– E em casa, vocês praticam o Espiritismo?

– Como assim, praticar?

– Estudar, evocar Espíritos para fins de aprendizado com a análise das situações deles…

– Se a gente não evoca nem no centro, acha que vamos evocar em casa? Sai fora! Vai que um Espírito resolve ficar por lá?

– Como assim, “ficar por lá”? Os Espíritos estão por toda parte. Com certeza tem alguns aqui agora mesmo.

– Valha-me Deus!

– Sim, claro! E eles são atraídos por afinidade de pensamentos. Se a evocação é feita com intuito sério e com conhecimento, não há problema. O errado é evocar por brincadeira ou com leviandade. Se quem evoca é orgulhoso, por exemplo, um Espírito leviano pode se apresentar e dizer coisas que alimentem esse orgulho. Aí, sem estudo, e com vontade de cultivar o próprio orgulho, o sujeito entra na do Espírito e termina fascinado. Esse é o perigo, mas isso pode acontecer até pela intuição, de forma indireta.

– Nossa, não sabia disso. Eu já tinha ouvido que, se evocar um Espírito perturbado, ele "cola" em você.

– Não, claro que não. Depende da intenção e do preparo. Bom, mas pelo menos existe estudo nesse centro? Tipo, estudar as obras de Kardec, a Revista Espírita…

– Revista Espírita? Que é isso? Não, a gente estuda obras do Chico e do Divaldo, até porque a gente sabe que as obras de Kardec estão ultrapassadas em muitos pontos, né?!

– Ultrapassadas? Meu amigo, eu sei que até tem coisas bonitas e corretas nessas obras mediúnicas, mas elas foram resultados de comunicações sem controle. Como, sem estudar Kardec, eles recomendam o estudo de obras mediúnicas? Espiritismo é ciência!

– Ciência? Não! Espiritismo é religião!

– Não era o que Kardec demonstrava. Você já leu A Gênese?

– Nossa, já dei uma folheada, mas muito difícil e, como eu disse, ultrapassada! Imagine que eles acreditavam que tinha vida na lua!!

– Mas, amigo, isso era coisa da ciência humana da época. Só que tem a parte da ciência espírita.

– Ciência Espírita?

– Sim, aquilo que foi desenvolvido pelo estudo metodológico de Kardec, com o uso da razão e com a necessidade da confirmação universal dos ensinamentos dos Espíritos. Mas, assim, se existe um grupo de médiuns na casa, como ele se

formou?

– Ah, eles são médiuns bem antigos da casa, e o grupo é fechado.

– Mas e a mediunidade das outras pessoas?

– Ah, se aparecer algum médium “bom” por lá, ele tem que passar por um curso de 5 anos de Espiritismo!

– Mas que curso, se não estudam Kardec?

– Não, aí, lá, tem umas cartilhas da FEB, onde aborda Kardec…

– Pelo menos alguma coisa!

– E aí tem o complemento com obras mediúnicas. Você já viu as obras do Ramatis, sobre mediunidade??

– Meu Deus…

– Quê?

– Amigo, Ramatis é um pseudossábio.

– Pseudo o que?

– Quer dizer que ele se faz passar por sábio, mas tem vários absurdos nessas obras. A gente nem sabe, na verdade, se é só um Espírito, porque qualquer um pode usar esse nome.

– Mas eu já vi algumas coisas dele, pareciam coerentes

– Coerentes? Bom, sendo um Espírito, é claro que alguma coisa ou outra haverá de verdade… Mas o problema é que aceitam o que esse ou esses Espíritos dizem sem nem raciocinar! Essas obras são misticistas, e não doutrinárias.

– Como não são doutrinárias? A mesma coisa que ele diz, muitos outros também dizem. Não é isso?

– Não só isso. É preciso submeter isso à razão, o que demanda conhecimento. Aquilo que já está estabelecido por esse processo, só pode ser desfeito pelo mesmo processo, isto é, não basta que digam a mesma coisa em todo lugar,

quando não há controle, nem método, nem racionalidade. Por exemplo: Ramatis fala sobre sete corpos espirituais, o que é místico – sabe aquelas coisas de números bíblicos, cabalísticos? Então!

Kardec já demonstrou, pelos estudos junto aos Espíritos e de forma científica, que o que existe é o perispírito, formado pelo fluido cósmico universal. Só isso. Essa história de sete corpos, além de tudo, é materialista.

– Amigo, eu não tô é entendendo mais nada! Quer dizer que tudo o que me disseram é errado?

– Nem tudo, mas grande parte. Quando o Espiritismo foi disseminado no Brasil, o Movimento Espírita já estava desgastado e enfraquecido, por uma adulteração de princípios após a morte de Kardec.

Bom, a pergunta é a seguinte: você tem vontade de estudar, ou está confortável com o que vive nesse centro?

– Ah, eu me sinto bem, e é tão difícil tentar entender Kardec!

– Realmente, tem coisas difíceis de entender em Kardec. Mas o estudo dedicado da Revista Espírita, de 1858 a 1864, ajuda a entender muito! Além disso, existem muitos grupos de estudo, e eu mesmo participo de um. Mas, veja, são grupos de estudo. Não tem professor, nem é curso.

Dê uma chance, estude, e sua razão te levará, com a intuição dos bons Espíritos, pelo caminho mais adequado a você.

– É… Vou pensar…

————————————————————-

Não quis dar título a esse texto. Não precisamos dar nomes taxativos. Basta que entendamos a distância que existe entre o Movimento Espírita e o Espiritismo. Essa distância precisa ser vencida pelo diálogo, pelos fatos, mas somente por aqueles abertos ao diálogo e ao aprendizado. Não adianta lutar contra os renitentes.

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS por Allan Kardec

Obra de 1864 de Kardec: Resumo da Lei dos Fenômenos Espiritas

A distância entre o Espiritismo e o Movimento Espírita

Uma correspondente questionou a respeito do que seria essa suposta distância, por nós sempre afirmada, entre a Doutrina Espírita e o Movimento Espírita.

A ela, podemos responder desta forma, para exemplificar para todos:

“B…, isso é algo que cada um precisa realmente estudar ou buscar se informar, principalmente sobre as obras citadas ((

- No sentido das alterações doutrinarias: O Legado de Allan Kardec, de Simoni Privato; Nem Céu Nem Inferno, de Paulo Henrique de Figueiredo; Ponto Final, de Wilson Garcia
- No sentido do conhecimento sobre o contexto doutrinário: Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo, de Paulo Henrique de Figueiredo;
- No entendimento real da Doutrina, na essência proposta por Kardec, através dos estudos: O Céu e o Inferno e A Gênese, ambos da editora FEAL, pois os outros são as versões adulteradas, ainda.)) , porque compreender e, daí, assumir novo posicionamento, precisa ser uma **ação autônoma**. Contudo, posso ressaltar algumas diferenças capitais entre

Doutrina Espírita (DE) e Movimento Espírita atual (ME):

- Evocações dos espíritos: DE foi formada sobre elas e demonstrou a necessidade de serem realizadas, com método, para continuar seu desenvolvimento; ME recomenda não fazer, provocando uma onda de médiuns que ficam apenas “à disposição”, portanto, sem controle nem objetivo de aprendizado.
- Generalidade do ensino: DE demonstrou a necessidade de desenvolver o estudo espírita através do método do duplo controle: universalidade e concordância do ensino e julgamento racional; ME, contagiada por Roustaing, que via um perigo nesse método (que desmentiria suas teorias), passou a tomar comunicações isoladas como expressão da verdade, sem raciocinar.
- Vida do Espírito na erraticidade: DE demonstrou que emoções e sensações físicas somente existem para o Espírito apegado; ME passou a ensinar um mundo espiritual totalmente materializado, criando, assim, ideias de apego nocivas ao Espírito que desencarna.
- Necessidade da encarnação: DE demonstrou que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito, na qual ele, mesmo que involuntariamente, faz seu papel solidário na criação. Afastou os conceitos de castigo e punição como uma ação arbitrária de Deus, demonstrando que tudo é fruto da escolha do Espírito consciente; ME, sob influência roustainguista, inseriu os falsos conceitos de carma, resgate, lei de ação e reação e lei do retorno.
- Heteronomia x autonomia: DE demonstrou, em toda ela, que o Espírito se desenvolve de forma autônoma, sendo ele o autor primeiro, senão o único, de suas escolhas; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da vida de forma heterônoma – se sofro é porque estou recebendo o retorno; se tenho alegria é porque fui abençoado, etc.
- Caridade: DE demonstrou que a caridade é uma ação desinteressada, fruto do dever do Espírito que, conscientemente, se move em direção ao bem; ME passou a tratar da caridade como uma ação externa, quase sempre apenas material. Por ausência de estudos da DE, ME deixa de fazer o bem que poderia fazer para auxiliar no desenvolvimento da sociedade pelas ideias espíritas.
- Moral: DE demonstrou que, todos criados simples e ignorantes, os

Espíritos se desenvolvem errando e acertando, através das encarnações, escolhendo entre agir desta ou daquela forma. Não há dualidade entre bem e mal. Alguns escolhem repetir o erro, desenvolvendo imperfeições das quais muito custarão a se desvencilhar, através do trabalho reencarnatório, em uma ação consciente e autônoma; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da encarnação como um castigo, como se todos os Espíritos que encarnam fossem imperfeitos.

- Método: DE sempre demonstrou a forma como ela própria se desenvolveria: pelo estudo das ciências humanas, confrontadas, pela razão, com os ensinamentos espíritas, na troca de informações com grupos idôneos espalhados por todo o mundo; já a ME praticamente não estuda os fundamentos da DE, se isolou nos centros em rotinas que compreendem: monólogos, quase sempre recheados de todos os erros apontados anteriormente; passes, sem conhecimento do magnetismo; e sessões mediúnicas que, sem método e sem estudos, perdem o propósito e a utilidade que realmente poderiam ter.

E por aí vai.”

Vemos que as diferenças entre a Doutrina Espírita, em sua origem, e o que hoje professa ou acredita o Movimento Espírita, são profundas e, quase sempre, danosas à propagação da Doutrina. Cabe, portanto, o esforço voluntário de cada um no estudo honesto e desapegado, bem como na divulgação fraterna e cooperativa do conhecimento.

Complementando as obras citadas, não podemos deixar de apontar a necessidade do estudo da Revista Espírita, que demonstra como se deu a formação da Doutrina Espírita.

E depois da morte?

A pergunta sempre frequente é: O que será que acontece no futuro do nosso Espírito? O que nos acontece depois da morte? Será que vamos para o Céu

Iluminado? Ou será que o Inferno é nosso destino? Quem decide para onde seguimos? Será que encontramos os seres que nos são caros?

O ser humano sempre perseguiu a ideia do que ocorrerá no futuro do seu Espírito. E talvez seja a pergunta mais frequente no meio espírita.

O estudo aprofundado do livro O Céu e O Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo, nos faz entender cada vez mais a Doutrina Espírita. Na **primeira parte**, seu **capítulo VIII** sob o título ***As Penas Futuras Segundo o Espiritis*mo** praticamente encontramos a compilação de toda Doutrina tornando-o como se fosse seu coração, ou seja, a parte principal. Ali existe uma série de 25 itens onde cada um foi desenvolvido ao longo de todo a obra, menos, claro dA Genese, que foi publicada após. Os 25 itens elucidam o que acontece ao nosso Espírito após o desencarne. As explicações vieram através de inúmeros Espíritos desencarnados em milhares de comunicações, de vários lugares do mundo, por muitos mediuns distintos. Kardec, através da Revista Espírita, mostrou uma quantidade considerável das comunicações.

A particularidade desse livro é justamente trazer , diante desse material todo, as conclusões de todas as comunicações estudadas. Além disso, na segunda parte do livro, é apresentado muitas dessas mensagens. O conteúdo dessas, publicadas no livro O Céu e o Inferno, é assunto para outro momento.

Voltemos ao capítulo VIII da primeira parte do livro. Ele começa fazendo importantes considerações, que colocamos aqui na integra:

> *Estando a sorte das almas nas mãos de Deus, ninguém pode neste mundo, por sua própria*
> *autoridade, decretar o código penal divino. Qualquer teoria não é mais que uma hipótese que*
> *só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa,*
> *racional, bizarra ou ridícula. Somente a sanção dos fatos pode conferir-lhe autoridade,*
> *fazendo-a passar à condição de princípio.*
>
> *Na ausência de fatos apropriados para definir sua concepção acerca da vida futura, os*
> *homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas*

de que
compartilharam, e compartilham ainda, as crenças. Se alguns homens de elite, em diversas
épocas, entreviram um lado da verdade, a massa ignorante permaneceu sob o império dos
preconceitos que geralmente lhe eram impostos. A doutrina das penas eternas está nesse
número. Essa doutrina teve sua época; hoje ela é repelida pela razão. O que colocar em seu
lugar? Um sistema substituído por outro sistema, ainda que mais racional, sempre terá apenas
maior probabilidade, mas não a certeza. É por isso que o homem, chegado a este período
intelectual que lhe permite refletir e comparar, não encontrando nada que satisfaça
completamente sua razão e responda às suas aspirações, vacila indeciso. Uns, apavorados
pela responsabilidade do futuro e querendo gozar o presente sem constrangimento, procuram enganar-se e proclamam o nada após a morte, crendo assim manter a consciência tranquila;
outros estão na perplexidade da dúvida; o maior número crê em algo, mas não sabe
exatamente no que crê.
Um dos resultados do desenvolvimento das ideias e dos conhecimentos adquiridos é o
método científico96. O homem quer crer, mas quer saber por que crê. Ele não se deixa mais
levar por palavras. Sua razão vigorosa quer algo mais substancial que teorias. Em uma
palavra, ele necessita dos fatos.
Deus, então, julgando que a humanidade saiu da infância, e que o homem está hoje maduro
para compreender verdades de uma ordem mais elevada, permite que a vida espiritual lhe seja
revelada por fatos que põem um termo às suas incertezas, fazendo cair os andaimes das
hipóteses97. É a realidade após a ilusão.

A Doutrina Espírita, no que se refere às penas futuras, não é mais fundada sobre uma teoria preconcebida do que suas outras partes. Em tudo ela se apoia sobre observações, sendo isso o que lhe dá autoridade. Ninguém então imaginou que as almas, após a morte, devessem se encontrar nesta ou naquela situação. São os próprios seres que deixaram a Terra que vêm hoje – com a permissão de Deus e porque a humanidade entra numa nova fase – nos iniciar nos mistérios da vida futura, descrever sua posição feliz ou infeliz, suas impressões e sua transformação na morte do corpo. Os espíritos vêm hoje, em suma, completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata aqui da relação de apenas um espírito que poderia ver as coisas somente de seu ponto de vista, sob um único aspecto, ou ainda estar dominado pelos preconceitos terrestres, nem de uma revelação feita a um único indivíduo que poderia se deixar enganar pelas aparências, nem de uma visão extática que se presta às ilusões e é com frequência apenas o reflexo de uma imaginação exaltada98, mas de inúmeros intermediários disseminados sobre todos os pontos do globo, de tal sorte que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada um pode ao mesmo tempo ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela fé de outrem.

As leis que daí decorrem são deduzidas apenas da concordância dessa imensidade de observações; esse é o caráter essencial e especial da Doutrina Espírita99. Jamais um princípio geral é retirado de um fato isolado ou da afirmação de um único espírito, ou do ensinamento dado a um único indivíduo, ou de uma opinião pessoal. Qual seria o homem que poderia crer-se suficientemente justo para medir a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos citados nesta obra para estabelecer a sorte futura da

alma poderiam
ser multiplicados ao infinito, mas, como cada um pode observar outros análogos, seria
suficiente de certa forma dar os tipos das diversas situações. Dessas observações, podem-se
deduzir as condições de felicidade ou infelicidade na vida futura; elas provam que a
penalidade não falta a nenhuma prevaricação e que, conquanto não seja eterno, o castigo não
é menos terrível segundo as circunstâncias.

Allan Kardec, O Céu e o Inferno

Nota: Allan Kardec define os pressupostos da ciência espírita. Toda teoria, seja proposta por um homem ou um espírito, é uma opinião pessoal. As hipóteses vão do engenhoso ao ridículo. Por isso, o Espiritismo se fundamenta na observação dos fatos, em milhares de depoimentos, para extrair deles os princípios gerais, confirmando o ensinamento dos bons espíritos. É a universalidade do ensino dos espíritos. (Nota 94 de *O Céu e o Inferno* do editor Paulo Henrique de Figueiredo)

Observem como essa introdução explana o pensamento científico baseado totalmente nos fatos. Não há dogma, não há profetas, não há fantasia.

Depois dessa criteriosa introdução, Allan Kardec segue enumerando os princípios gerais que os muitos Espíritos deram. Eles aparecem de forma progressiva. Eles os definiu como a representação da lei da justiça divina.

Segundo estudamos, não há um sistema estático, um padrão geral onde o futuro seja um Céu Iluminado ou as Escuridão das trevas do Inferno. Mas se voce, leitor, fizer o estudo, vai conseguir chegar às suas próprias conclusões.

Nós o convidamos a leitura e reflexão! Vale muito a leitura.

Bicorporeidade

Relato e explicação do fenômeno da Bicorporeidade

Ensinamentos de Sacerdote Egípcio

Segunda evocação de Mehemet Ali